



Capítulo 22

A Doença de Morgado

O ano de 1988 foi o ano em que um dos árbitros mais conhecidos da arbitragem paulista no âmbito nacional, Roberto Nunes Morgado, conhecido como Pantera Cor-de-Rosa, foi levado a um hospital a fim de detectarem o mal que o afligia.

Anteriormente, por volta de 1981, quando dirigia a partida entre Sport Club Recife e Clube de Regatas Vasco da Gama, pelo Campeonato Brasileiro, Roberto Nunes Morgado teve um desequilíbrio psíquico chegando ao ponto de pedir a expulsão dos cães da PM que também estavam a trabalho na pista ao redor do campo de jogo. Além dessa atitude e de outras que teve no decorrer da partida, a Comissão de Arbitragem da CBF o afastou do Quadro Nacional de Árbitros e sugeriu à presidência da Federação Paulista que fizesse um tratamento médico com o árbitro Roberto Nunes Morgado. Acatando a sugestão da COBRAAF, a diretoria da Federação Paulista de Futebol, por sugestão do doutor Osmar de Oliveira, o internou na clínica Maia, ficando em tratamento na mesma durante um período de aproximadamente 6 meses, recebendo alta e voltando a arbitrar em seguir. Após isso Morgado nunca mais voltou a ser o mesmo, pois ficara ciente de que não mais poderia ingerir bebidas alcoólicas, e quando o fazia entrava em pane. Antes de seu encaminhamento ao hospital, surgiram vários boatos sobre a saúde de Roberto Nunes Morgado. Um dos que mais insuflavam esses boatos, era o árbitro Benedito Martinho Côrrea de Oliveira, que viveu e sobreviveu à custa de Morgado, que me interrogou dizendo:

- Fiori, você é árbitro e policial; a Lígia, mulher do Morgado, deve estar traficando drogas e o ambiente no apartamento na praia é estarrecedor. Acredite se quiser, neste apartamento flutua muita malandragem.

Eu lhe respondi:

- Benê, se você me provar isso, eu vou lá e arregaço tudo, vou como polícia ou como amigo dele, mas arregaço tudo. Não importa se tem malandro, bandido ou cafetão - disse, chamando-o pelo apelido.

Nesse momento, Benê deu uma oscilada, aliás coisa de seu feitio, dizendo-me:

- Fiori, sabe o que acontece, é melhor você falar com o presidente do Sindicato, José Astolphi, para que a entidade tome uma providência, porém me parece que o Astolphi nada quer fazer porque tem bronca do Morgado.

- Benê, se o Astolphi tem bronca ou não é problema dele, você que está dizendo. Agora vou com tudo e o Sindicato vai tomar providência, pois se trata da saúde de um árbitro de futebol e representante da categoria. Se o que você está me dizendo for verdade, o Astolphi vai tomar providências mesmo assim - esbravejei ao Benê.

Posteriormente fui ao Sindicato, conversei com o Astolphi e ele me disse que não tinha nenhuma bronca do Morgado, que ele era conhecedor de que o Morgado tinha alguns problemas, e que ele topava ir com o carro dele, juntamente comigo até a Praia Grande para verificarmos em que situação Morgado se encontrava. Marcamos um dia, saímos pela manhã e fomos até o apartamento em que o Morgado morava, passamos em uma farmácia, o Astolphi, que tinha um dinheiro, comprou uns medicamentos, pedi para que ele comprasse um par de luvas, pois não sabíamos se teríamos que carregar ou não o Morgado.

Lá chegando, ficamos tristes em ver o estado em que se Morgado encontrava, com feridas expostas por todo o corpo, ressaltando as região do tórax e abdômen, locais mais afetados. José Astolphi, Roberto Nunes Morgado e eu retornamos a São Paulo. Lá chegando, Astolphi já tinha coordenadas de que o árbitro Walter Borges de Queiroz, secretário do Sindicato, havia conseguido que Morgado fosse levado ao hospital Emílio Ribas para exames. Astolphi convenceu Morgado a passar por uma bateria de exames em um hospital de São Paulo, no qual ele concordou prontamente, porém não revelando a ele qual hospital, para não causar impactos emocionais em Roberto Nunes Morgado. No caminho do hospital, viemos conversando e Morgado cientificou-se de que estava num estado debilitado e que aceitaria se internar. Neste momento, Astolphi revelou-lhe o nosocômio de seu internamento. Chegando ao hospital Emílio Ribas, José Astolphi se apresentou como presidente de nossa entidade, apresentou o Morgado aos atendentes e em seguida Morgado ficou internado. Passado algum tempo veio o resultado

de exame positivo no item HIV, portanto Morgado era portador e já desenvolvia o vírus da Aids.

Durante sua internação no Emílio Ribas, Astolphi ia visitá-lo frequentemente. Quando de sua alta hospitalar, por não apresentar risco iminente de vida, Morgado teria que fazer aplicações em dias alternados do remédio AZT, que era aplicado por um período de 6 horas em cada paciente. Através da interferência de Astolphi, junto aos dirigentes do futebol, arrecadou-se fundos em um compromisso mensal para que Morgado fosse internado na Clínica Doutor Bezerra de Menezes, Unidade Anchieta. Durante seu internamento nesta unidade terapêutica, em dias alternados, Morgado era transportado deste local até o Emílio Ribas para aplicação do AZT. Esse transporte foi efetuado na maioria das vezes por José Astolphi, algumas outras por mim e em umas duas ou três vezes pelo ex-árbitro de futebol Antonio Galvão Rodrigues. Ressalto que nenhum de nós três tínhamos relações de amizade profunda com Roberto Nunes Morgado, que por sua vez me abominava. Porém foi abandonado, pelos seus pseudo-amigos árbitros e pelo indivíduo que dizia receber a entidade espiritual, por mim respeitada, "Caboclo Guarantã", que freqüentava assiduamente os corredores da FPF, e quando a escala geral dos árbitros era divulgada nos murais do Sindicato ou da Federação, o farsante (em meu entender) observava o jogo para o qual Morgado estava designado e em seguida o procurava, dizendo a ele:

- Morgado, você tem que fazer um trabalho para afastar os maus fluídos, portanto me deixe uma nota que vou comprar os pertences e faço o trabalho pra você.

Morgado que era facilmente sugestionável por este tipo de pessoa, deixava-se influenciar e dava o dinheiro pedido. Por várias vezes esse tipo de trabalho foi efetuado por esse indivíduo, ressaltando que nos meados da década de 80, lembro-me muito bem que Dirceu Fernandes me confessara ter presenciado um desses trabalhos em uma sexta-feira, à meia-noite, na porta do cemitério da Consolação, onde foram acesas velas de todas as cores e várias tipos e cores de flores. Tal indivíduo era tão perpícaz que quando do término das partidas arbitradas por Roberto Nunes Morgado que transcorriam bem ou com normalidade, o mesmo aguardava o Morgado na porta do vestiário para arrancar-lhe um dinheirinho e

ainda ia jantar na churrascaria Boi na Brasa, à custa do Morgado, que lá trabalhou como gerente por algum tempo.

Ressalto que durante a doença de Morgado o Sindicato de Árbitros, através de seu dirigente José Astolphi, organizou alguns eventos, no sentido de que árbitros levassem para a entidade mantimentos perecíveis ou não, frutas, leite, para que fossem levados de imediato à família do Morgado, postada na Praia Grande. Afianço que conversei com Ilton José da Costa em uma sexta-feira na padaria situada nas esquinas das ruas Bororós e Humaitá, para que o mesmo doasse algo para o Morgado, ao que ele me disse:

- Não gosto do Morgado e quero que ele morra! Não vou ajudar porra nenhuma!

Me deu vontade de dar um soco na cara dele, mas não o fiz porque ele não levou adiante a conversa. Não tinha relações de amizade com o Morgado, porém se tratava de um problema classista e humanitário, e o Ilton, com toda sua petulância e arrogância, negara a fazê-lo.

Outro que agiu de uma forma nojenta foi o Ulisses Tavares da Silva Filho, que teve o mesmo comportamento, dizendo a mim:

- Fiori, não gosto dele e quero que ele morra.

- Ulisses, você é mesmo um lixo - respondi a ele, encerrando o papo.

Uma das minhas decepções com os pseudo-amigos do Morgado, foi com o eterno bandeirinha, Edmundo Lima Filho, que sempre comeu na mão do Morgado, porém negou fogo, alegando que Morgado gastara o que ganhara na vida noturna. Edmundo, que sempre atuou como auxiliar, bajulando os árbitros para que solicitassem o seu escalar em todas as rodadas, aproveitou a passagem de Gustavo Caetano Rogério no Departamento de Árbitros, e por amizade ou politicamente conseguiu iniciar sua função como árbitro principal em jogos do Campeonato Paulista, conseguindo sua indicação ao quadro de árbitros principal da Comissão Brasileira de Arbitragem, comissão que tinha como um de seus integrantes Ivens Mendes, homem que agia fluentemente com árbitros e dirigentes de futebol, ao qual Edmundo era bem ligado. Com isso Edmundo chegou a arbitrar a partida final do Campeonato Brasileiro de 1988, entre Internacional e Bahia. Em

meu entender como conhecedor de arbitragem, Edmundo não tinha condições técnicas para tanto.

Ainda abordando o tema Roberto Nunes Morgado, reporto-me que no decorrer do Campeonato Paulista de 1987, Morgado apresentava alguns sintomas de dificuldades psíquicas e físicas. Procurei Dirceu Fernandes no Departamento de Árbitros no sentido de saber se o Morgado estava tendo algum problema, ao que Dirceu me respondeu:

- Não tem problemas graves, os problemas do Morgado são aqueles já conhecidos. Estamos evitando escalá-lo em partidas de grande divulgação na mídia desportiva. Participo a você, Fiori, que o Morgado arbitrou em uma preliminar do clássico entre São Paulo e Corinthians no estádio do Morumbi. Tecnicamente a partida foi normal e fisicamente o Morgado apresentou problemas de desgaste. Porém, para surpresa do Diretor do Departamento de Árbitros, Atoine Gebran, os quatro finalistas do campeonato da Divisão Principal, São Paulo, Corinthians, Santos e Palmeiras, através de seus dirigentes, solicitaram que em suas partidas o Morgado fosse escalado.

- Muito obrigado pela informação, Dirceu, pois estava preocupado com a saúde do Morgado - respondi.

Após dois dias, pelos meios de comunicação, tomei conhecimento da escala do árbitro Roberto Nunes Morgado para arbitrar a partida entre Palmeiras e Santos, jogo válido pelas finais do campeonato de 1987, partida esta que não teve seu término. Já na segunda-feira compareci ao prédio da Federação Paulista de Futebol, dirigi-me até o oitavo andar, procurei o assessor Dirceu Fernandes, indagando-o de forma educada, baseado nas manchetes dos jornais e nas notícias de rádios e TVs, pois haviam controvérsias nas notícias veiculadas por estes canais de comunicação, sobre a atuação do Morgado. Dirceu convidou-me para entrar em sua sala de trabalho, e pausadamente narrou os fatos ocorridos antes e durante a partida:

- Fiori, no dia da partida eu recebi um telefonema por volta das 6 horas da manhã, de um funcionário da padaria da rua Humaitá, que ao chegar na padaria, observou que Roberto Nunes Morgado encontrava-se sentado e encostado numa das portas, do lado de fora, completamente embriagado e molhado pela de sua própria

urina. Ao final do telefonema, agradei ao funcionário da padaria e pedi que não ligasse a ninguém da imprensa, nem da polícia; solicitei que me aguardasse pois chegaria ao local em instantes. Quarenta minutos depois, cheguei ao local, encontrando Morgado no estado descrito, e tomei as seguintes providências: com a ajuda do funcionário da padaria, levamos Morgado até o hotel em frente. Lá chegando reservei um quarto para a pousada do Morgado e juntamente com o mesmo fomos até o banheiro, onde o obriguei a tomar uma ducha. Logo em seguida, Morgado foi para o quarto descansar e eu fui até a padaria providenciar um alimento para ele - disse-me Dirceu, referindo-se á padaria situada nas esquinas da rua Humaitá com a rua Bororós. - Contrariado ou não, voltei com os alimentos, obrigando o Morgado a alimentar-se, dizendo que se não o fizesse chamaria o médico, pois ele tinha medo de médicos. Após breve descanso, com o Morgado próximo de sua normalidade, por volta das 13:30 h, contatei o motorista que presta serviço para a Federação Paulista, de nome Guilherme, e o mesmo compareceu com seu carro, levando-nos até o Morumbi. Lá chegando, encontravam-se os auxiliares, Oswaldo Buontempi e Modesto Salviato Filho, juntamente com o árbitro reserva, Oswaldo dos Santos Ramos. Ao ver a equipe que o acompanharia ao campo de jogo, Morgado virou-se para mim dizendo:

- Dirceu, destes três, trabalho somente com o Buontempi, os outros dois... área.

Dirceu continuou com a história:

- Morgado insistiu em querer trabalhar somente com o Buontempi, e depois de muita insistência conseguimos convencê-lo a entrar com a equipe que fora escalada, ou seja, ele, Oswaldo Buontempi e Modesto Salviato Filho, mais o reserva Oswaldo dos Santos Ramos. A partida teve seu transcurso normal até que Morgado expulsou um atleta do Palmeiras sem motivos aparentes, e além isto, expulsou mais quatro atletas do Palmeiras intercaladamente, até o quinto atleta expulso, que foi o Luís Pereira, também sem motivo. Isso fez com que a partida tivesse seu encerramento em virtude de não possuir o número legal de atletas, já que é exigido o número mínimo de sete atletas para que a partida tenha legalidade.

Perguntei ao Dirceu:

- Dirceu, porque você não contactou o seu Diretor, o Antoine Gebran, participando-lhe dos fatos ocorridos antes da partida? Pois no meu entender o Morgado deveria ter sido substituído.

Dirceu, respondeu-me:

- Pô, mas eu contatei o Gebran, por volta de meio-dia do sábado, dia do jogo. Ele me respondeu que não foi o Departamento de Árbitros que escalou o Morgado. E que eu sabia muito bem que foram os dirigentes dos clubes que exigiram a escalação do Morgado, por isso ele não iria autorizar a substituição, pois os dirigentes dos clubes participantes da fase final do Campeonato, eram conhecedores do estado psíquico e físico do Morgado.